

Identificação do Objeto



Número: 84.047 (a)
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Uso Profissional e Técnico
Classificação: Item de uso tradicional (montaria)
Título: Sela para Montaria
Data e Modo de Aquisição: 23.03.1984 / doação
Código do Doador: 0010
Data atribuída: 1930 a 1940
Material e Técnica: couro, napa, tecido, metal, corte e costura
Origem: Triângulo Mineiro
Conservação: Regular
Dimensões: Não definidos

Descrição e Dados Históricos do Objeto

Arreio, ou arnês, é a designação de toda a estrutura que se veste em um cavalo para permitir uma cavalgada, um hipismo ou utilizar o cavalo para tração animal. O conjunto que forma o arreio é constituído da sela, estribo, antolhos, suador, bridão, pelego, cabresto, rédeas, armação, cabeçada, embocadura e a manta, ou, opcionalmente, a chebraica (espécie de manta militar que fica sobre a sela). Em comum com o arreio, a sela tem apenas o revestimento com couro cru, o enervo. A sela é uma estrutura de suporte amarrada ao dorso de um animal de montaria (cavalos, camelos, asnos etc.) onde se senta a pessoa que conduz. O seu tipo mais comum é apropriado para a montaria de cavalos, cuja invenção remonta a épocas anteriores à Era Comum. Os cavaleiros ibéricos no século III a.C, usavam selas feitas de lã, linho ou cabedal. São vários os modelos, sendo as mais comuns entre elas aquelas do tipo português, americano e inglês. A portuguesa é considerada a pioneira em uso no Brasil, sendo utilizada desde os primeiros tempos da colonização, quando foi trazida da Europa pelos portugueses. Mas foi a do tipo inglês que acabou prevalecendo, desde a conjuntura política e social que corresponde à época do bandeirantismo no Brasil e o desenvolvimento da pecuária no Nordeste. Portugal, como metrópole, tinha como principal parceiro comercial os ingleses, sendo comum a vinda desses artefatos para os núcleos de povoamento que foram surgindo no Brasil. É a sela mais difundida no mundo. As suas variações dominam os esportes equestres, são feitas em couro ou hoje em dia material sintético, tem uma armação rígida interna e são leves. As cavalarias militares e urbanas em quase todo o mundo adotam o tipo inglês, mesmo que não sejam de fabricação original. Uma desse tipo foi doada ao Museu do Zebu por Laerte Rodrigues Borges em 23 de março de 1984. O objeto é todo revestido em couro artesanal, napa, tecido, metal. Sendo também todo confeccionado em corte, costura, gravação, estofamento e está em bom estado de conservação. Não possui marca registrada, sendo possível notar que sua procedência é de origem artesanal e remete provavelmente aos anos de 1930 a 1940, segundo o antigo proprietário. E segundo suas informações, sua família era criadora de gado zebu, sendo o tipo bastante usado em sua fazenda, onde os capatazes recorriam ao auxílio dos cavalos para promover a vigilância e outros procedimentos

relacionados ao rebanho. Achou por bem doar o item a essa instituição para que a memória da zebuicultura, incluindo todo o universo variado da vida rural nesse período, fosse preservada. Tal objeto, por esse motivo, possui relevância histórica para a conservação da memória da pecuária zebuína no Triângulo Mineiro.